

**COLÔNIAS DE POVOAMENTO *VERSUS* COLÔNIAS DE EXPLORAÇÃO:
DE HEEREN A ACEMOGLU****Leonardo Monasterio**

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea

Philipp Ehrl

Professor visitante da Universidade Católica de Brasília (UCB) e bolsista de pós-doutorado no âmbito do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/Capes)

Este trabalho examina a evolução da tese que sustenta que o tipo de colonização determina, ou condiciona, o futuro das sociedades. Adam Smith (1776) já apresentava esta proposição e uma tipologia das colônias. Contudo, foram os autores alemães Heeren (1817) e Roscher (1856), no século XIX, os responsáveis pelo desenvolvimento da tese. Estes historiadores influenciaram o economista ortodoxo francês Leroy-Beaulieu (1902), que tratou do assunto em obra publicada em 1902. Fica claro que Caio Prado Júnior foi mais um divulgador da tese *colônia de povoamento versus colônia de exploração* no Brasil do que seu criador. Nos Estados Unidos, a ideia ressurge nas obras de Douglass North (1955; 1959) e Richard Baldwin (1956). Mais recentemente, os cliometristas Engerman e Sokoloff (1997) aprofundaram a questão, sem fazer referência aos autores europeus. Finalmente, Acemoglu, Johnson e Robinson (2001; 2002) – citando apenas a literatura neoinstitucional – levaram a tese para um público acadêmico mais amplo e apresentaram evidências econométricas.

Quem afinal criou a ideia de que o tipo de colonização importa para o futuro das sociedades? O fio que liga Heeren (1817), Roscher (1856), Leroy-Beaulieu (1902) e Prado Júnior (1942) é inquestionável. Já a linha de North/Baldwin até os autores recentes não é tão explícita. Engerman e Sokoloff (1997) citam Baldwin (1956) e, muito provavelmente – por estarem na mesma tradição –, foram influenciados por North (1956; 1959). Não há sinais, por sua vez, de que a tradição europeia e a norte-americana tenham se cruzado.

É surpreendente que, hoje, a miríade de pesquisadores preocupados com a questão do desenvolvimento econômico cite apenas os autores mais recentes e ignorem as contribuições anteriores. Ao que parece, os

pesquisadores coetâneos acreditam tanto na “falácia anacrônica” que creem ser suficiente citar Acemoglu, Johnson e Robinson (2001; 2002) como criadores da tese que relaciona a colonização e o destino das sociedades.

De qualquer forma, a tese “colonização importa” é bem-sucedida no mercado de ideias. Talvez o sucesso da tese colônias de exploração *versus* colônias de povoamento venha do fato de que esta pode – sem muita dificuldade – ser utilizada pelas mais diversas matizes ideológicas e metodológicas. Uns podem enfatizar que os países novos ricos tiveram sorte de terem as colônias “certas” e, portanto, as instituições pró-crescimento. A ênfase neste caso está nas regras pró-mercado e democráticas que lá se desenvolveram. Já outros podem lembrar que as colônias de exploração foram, afinal de contas, de exploração em benefício de uma elite metropolitana e depois interna. Estes destacarão o aspecto da exploração de que foram vítimas os países hoje pobres.

É importante notar que essa plasticidade da tese em relação às posturas ideológicas não depõe, obviamente, a favor de – nem contra – sua validade. Esta é questão empírica, e não da história das ideias. Discutir se de fato o futuro do Novo Mundo foi definido pelo tipo de colonização, e qual foi o mecanismo preciso, foge muito do alcance deste trabalho.